



TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E O NOVO TRABALHO

Daniel Cardoso¹
Paula Castro da Costa²

O objetivo deste artigo é fazer uma investigação bibliográfica e na internet acerca de discussões que contemplem a interferência das recentes inovações tecnológicas no campo do trabalho. Pretendemos discutir o conceito de Sociedade em Rede e Globalização e de que maneira esses fenômenos tão falados e tão complexos são abordados por autores reconhecidos da área da Sociologia.

Investigamos o que alguns autores dessa área vêm publicando no que se refere ao 'Novo Trabalho', as novas formas de trabalhar e se relacionar com o trabalho, desde a segunda metade do século XX até os dias atuais. Principalmente em como a nova sociedade vem funcionando depois dos fenômenos da informatização, em especial depois da incorporação da internet e das redes sociais enquanto mais novo dispositivo de interconectividade dentro da tecnologia da informação.

Este artigo tem como base uma metodologia teórica, isso quer dizer que a sua produção foi calcada essencialmente em **pesquisa bibliográfica**, de ideias de autores que já se debruçaram sobre o tema. Tanto autores encontrados em livros como os que tiveram suas ideias publicadas na internet.

Revisão Bibliográfica de autores da Sociologia que escreveram com relação ao Trabalho no século XXI

A era atual, Revolução da Tecnologia da Informação, trouxe e vem trazendo cada vez mais mudanças e/ou influências no modo como as pessoas vivem e se relacionam. E como não poderia ser diferente, as mudanças afetam também e fundamentalmente a forma como as pessoas trabalham.

¹ Professor das Faculdades Integradas Santa Cruz. Sociólogo. Pós-Graduação em Dinâmica dos Grupos. Mestre em Sociologia das Organizações.

² Acadêmica do 2º período das Faculdades Integradas Santa Cruz. Empresária do setor de Usinagem.

Essa forma de se trabalhar teve a incorporação de recursos tecnológicos em grande quantidade num espaço de tempo relativamente curto. Como afirmou (CHASSOT – 2000): “Mas então, ninguém de nós, naquele ano de 1985, conhecia computadores pessoais, fax, telefones celulares, correio eletrônico, CD´s, televisão a cabo, que hoje são parte das rotinas de nossas vidas”

Um dos sociólogos que mais contribuiu para uma análise da sociedade atual, incluindo pesquisas sobre a recente e futura condição social do trabalho, foi o espanhol Manuel Castells. Em sua obra “A Sociedade em Rede”, Castells defende a tese de que atravessamos desde a segunda metade do século XX uma terceira onda da Revolução Industrial que ele chama de Revolução da Tecnologia da Informação. Cujas grande força motriz encontra-se na internet.

Sabemos, como está referenciado na obra de CASTELLS - 1999, que o surgimento do primeiro computador data de 1944, e era de uso militar. Entretanto, a disseminação dos microcomputadores só se iniciou nos EUA na década de 1970. E a internet na década de 90.

A Revolução da Tecnologia da Informação nos transformou (o mundo) numa Sociedade em Rede, um mundo interconectado e, conseqüentemente, interdependente. Essa condição vai afetar todas as relações humanas, incluindo obviamente as relações de trabalho.

Ressalta, (...) o impacto da reestruturação do capital financeiro e da nova sociedade organizada em rede em relação ao trabalho. Argumenta que, mais do que as novas tecnologias, as políticas empresariais e governamentais, bem como aspectos institucionais e culturais é que determinam os impactos na questão do emprego. Sustenta, ainda, que há um processo tendente à dualização do trabalho, com aumento substancial dos trabalhadores de alto nível e também de nível de menor qualificação, havendo um claro achatamento dos empregados de padrão intermediário de conhecimento e rendimento. pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Castells

Castells afirma que a RTI³ fez o capitalismo transitar do industrialismo para o informacionalismo, caracterizado por (principalmente depois dos anos 70) “procedimentos de sistemas específicos de meios voltados para o aumento da produtividade e competitividade no novo paradigma tecnológico e na nova economia global” (p. 175). Assim, segundo Castells, “A primeira e mais abrangente tendência de evolução organizacional identificada (...) é a transição da produção em massa para a produção flexível, ou, do “fordismo” ao “pós-fordismo.” (p. 175)

Quando a demanda de quantidade e qualidade tornou-se imprevisível, quando os mercados ficaram mundialmente diversificados e, portanto difíceis de ser controlados; e quando o ritmo da transformação tecnológica tornou obsoletos os equipamentos de produção com objetivo único, o sistema de produção em massa ficou muito rígido e dispendioso para as

³ Revolução da Tecnologia da Informação.

características da nova economia. O sistema produtivo flexível surgiu como uma possível resposta para superar essa rigidez. (p.176)

Se contarmos o ano de 1985 como referência, como sugere Ático Chassot, percebemos que num curto espaço de tempo (historicamente falando) de 30 anos vimos surgir muitas e importantes tecnologias que revolucionaram o jeito de vivermos e trabalharmos.

Toda essa incorporação de tecnologia, segundo Manuel Castells, coloca-nos no que podemos chamar de terceira Revolução Industrial, a Revolução da Tecnologia da Informação. Que trouxe **e vem trazendo** uma série de mudanças no modo como vivemos, nos relacionamos e trabalhamos.

Para alguns autores essa Revolução representa uma “crise”. Não no sentido 'negativo' que essa palavra representa no nosso léxico comum, mas que pode ser entendida simplesmente como **mudança**.

O sociólogo inglês Antony Giddens, em seu livro “Mundo em Descontrole”, ressaltou a questão da crise que a sociedade atravessa. Para ele, todas as grandes instituições sociais sofrem mudanças, e não é diferente com as alterações do mundo do trabalho. Uma dessas mudanças está nas características da visão de trabalho na atualidade, enquanto a estabilidade e permanência foram relativizadas.

Até os anos 80, a preocupação das pessoas, segundo Giddens, era encontrar uma empresa que as acolhesse e desse o seu sustento por décadas. Essa é uma das maiores mudanças na realidade do trabalho. Os jovens não têm mais esse objetivo de permanência numa mesma empresa. O valor atual é justamente o contrário: quanto maior o número de empresas que se trabalhar, melhor. O que para as empresas é um problema, porque ficam com a dificuldade da retenção de mão-de-obra e das despesas de treinamentos e adaptações constantes.

Segundo Zygmunt Bauman, no livro “Globalização - as consequências humanas”, vivemos na sociedade “líquida”, onde há maior individualidade e onde os novos arranjos sociais vêm modificando seus limites geográficos, principalmente no que concerne à atuação das empresas. Segundo esse autor, a anulação das distâncias temporais/espaciais tende a polarizar as relações humanas e não harmonizá-las. Para ele, os “centros de produção de significado e valor” (que podemos entender que entre esses estão as empresas) são hoje extraterritoriais e emancipados de restrições locais (p.9).

Bauman defende que o grande valor da sociedade atual (e por consequência do trabalho também) é a **mobilidade**: “A mobilidade galga o mais alto nível dentre os valores cobiçados (...) a imobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança. (...) Ser local num mundo globalizado é sinal de privação e degradação social” (p.8)

Segundo David Harvey, estamos vivendo uma mudança abissal que está vinculada à novas maneiras dominantes pelas quais experimentamos o tempo e o espaço. No seu “Condição Pós-Moderna” o autor vê a 'condição' pós-moderna como uma consequência da atual crise do capitalismo, e não como um sintoma do surgimento de uma sociedade pós-capitalista ou pós-industrial.

O modelo flexível de desenvolvimento envolveu desde a compressão do espaço-tempo por meio das tecnologias, até a reorganização política mundial, no sentido do “capital sem fronteira”, tendo sua marca mais significativa nas mudanças do mundo do trabalho por meio da desorganização. Isso significou a demonstração da capacidade do capitalismo de organizar-se pela desorganização. Harvey cogita ser a flexibilidade antes consequência do que causa da busca por alternativas, inscrevendo-a na perspectiva dos reparos temporário-espaciais das crises do capital.

(<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/viewFile/>)

Conforme o trecho do artigo acima citado, Harvey argumenta que o domínio do espaço e do tempo é fundamental na busca do lucro. O dinheiro pode ser usado para dominar o tempo (dos trabalhadores) e o espaço, assim como o domínio do espaço e do tempo podem se converter em dinheiro. Há, portanto, interdependência entre o sentido do dinheiro, do tempo e do espaço. Se isso é verdade, é sempre possível buscar lucro alterando os modos de uso e de definição do tempo e do espaço.

As transformações com relação à formação do trabalhador (construção e desconstrução acelerada de habilidades dos trabalhadores) é outro aspecto que reflete o potencial de controle por meio do tempo. A internalização do sentido de tempo tanto foi favorável como contrária à burguesia, pois dela dependeram tanto o controle sobre o tempo de trabalho como as reações dos trabalhadores ao controle.

Para finalizar, no livro *Ócio Criativo* o sociólogo italiano *Domenico De Masi*, expõe suas ideias e conceitos, sobre a sociedade, o trabalho e visão do futuro, uma sociedade igualitária, a globalização, o desenvolvimento sem emprego, a criatividade, e a liberdade do trabalho tradicional. Ele afirma que a evolução do animal ao homem é uma passagem muito lenta, durante oitenta milhões de anos e ainda não se concluiu.

Ainda assim, somos os únicos animais que não recomeçam sempre do início, mas que além de nossas características hereditárias e do saber instintivo, recebemos dos adultos o saber cultural. Uma vez em que se descobriu a semente, há seis mil anos antes de Cristo houve uma revolução. O ser humano aprende a planejar o futuro, já que a agricultura determina um tempo para colheita. Em seguida, a produção em série traz a necessidade de maior produção de bens e objetos para venda e troca. Nessa fase surge o excesso de produção, um sistema econômico de vida que dura até hoje.

Durante muito tempo o homem exerceu trabalhos repetitivos, estressantes e psicologicamente cansativos.

A sociedade industrial permitiu que milhões de pessoas agissem somente com o corpo, mas não lhes deixou a liberdade de expressar-se com a mente, diferente da sociedade rural na qual o camponês ou mesmo o pescador exerciam seu trabalho com o corpo inteiro e talvez desfrutassem um pouco mais de seu cérebro. A sociedade pós-industrial oferece uma nova liberdade: depois do corpo, liberta a alma.

O trabalho tradicional da sociedade industrial, que exigia o esforço físico, uma vez em que se inovou a tecnologia, podendo substituir operários por máquinas, a tendência é diminuir cada vez mais. Nessa fase apareceram outras tendências de mercado, ofertando diversos serviços nos setores tecnológicos, entre outros, onde a criatividade, a liberdade e a arte desempenham um papel mais valorizado na sociedade, onde até mesmo o intelectual será ultrapassado, e o diferencial transforma-se em um *intelectual Criativo*. Como aquele que dentro de um mesmo espaço: trabalha, estuda, descansa e se diverte. Uma junção de liberdade, com muito tempo ocioso a se aproveitar das melhores formas possíveis.

Segundo De Mais, *“o ócio pode transformar-se em violência, neurose, vício e preguiça, mas pode também elevar-se para a arte, a criatividade e a liberdade. É no tempo livre que devemos concentrar nossas potencialidades”*

Com a contribuição de todos esses autores, percebemos que estamos em meio a uma Revolução em andamento no mundo do trabalho. E que, como tudo que foi relatado nas linhas acima as palavras chaves para o entendimento desta sociedade e do panorama do trabalho são mudança, flexibilidade, conhecimento e mobilidade.

Referências Bibliográficas

- CASTELLS, MANUEL. “A Sociedade em Rede” São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- CHASSOT, Áttico, “Alfabetização Científica - questões e desafios para a educação” Ijuí, Ed. Unijuí, 2000.
- DE MASI, Domenico, “O ócio criativo”, Rio de Janeiro, Sextante, 2000.
- GIDDENS, Anthony. “Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós”. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- HARVEY, David. “Condição Pós-Moderna”, São Paulo, Loyola, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. “Globalização: As Consequências Humanas”. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1999